

# Nós por Nós: protagonismo e resistência de mulheres afrodescendentes no Instagram

## We for Us: protagonism and resistance of african women on Instagram

Emanuella Geovana Magalhães de Souza

*Doutoranda em Educação - Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí (PPGED - UFPI). Na mesma instituição obteve o título de Mestra em Educação. Integrante do Núcleo de Estudos-Pesquisas sobre gênero, educação e afrodescendência (RODA GRIÓ-GEAfro). Email: slts.emanuella@gmail.com*

Odilanir de Oliveira Leão

*Mestranda em Educação - Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí (PPGED - UFPI), Especialista em Gestão e Educação Ambiental Pela Universidade Estadual do Piauí - Núcleo de Educação a Distância. Integrante do Grupo de Estudos-Pesquisas sobre gênero, educação e afrodescendência (RODA GRIÓ-GEAfro). Email: odilanir.ac@gmail.com*

Francis Musa Boakari

*Pós-doutorado na Auburn University; Professor da Universidade Federal do Piauí, atuando no Departamento de Fundamentos da Educação (DEFE) e Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED), desenvolve trabalhos referentes às questões raciais e das afrodescendências, e coordena o Núcleo de Estudos-Pesquisas sobre gênero, educação e afrodescendência (RODA GRIÓ-GEAfro). Email: musabuakei@yahoo.com*

### Resumo

*A sociedade brasileira continua com problemas de discriminações raciais e de gênero contra as afrodescendentes. Neste contexto, com as possibilidades de interação e criação de conteúdo oferecido pela internet, é cada vez mais evidente que algumas mulheres brasileiras afrodescendentes estejam produzindo respostas objetivas aos racismos e sexismos em espaços digitais. Para se debruçar sobre este problema, resumido na inquietação de “Como mulheres afrodescendentes têm se utilizado do Instagram, rede social de compartilhamento de fotos e vídeos, para desenvolver mensagens/lições contra racismos e sexismos?” buscou-se identificar e discutir as possibilidades educativas, respostas (conteúdos) produzidas no Instagram por mulheres de descendência africana. A rede social Instagram foi escolhida devido ao seu fácil acesso e pouco consumo de dados móveis, onde foi analisado dois perfis, @pretinhasleitoras e @descobrindeohistoriapreta. Serviu como base de orientação teórica, contribuições das/os seguintes autoras/es, Sueli Carneiro (2005) e Boaventura de Sousa Santos (2007), quando tratam do epistemicídio; Grada Kilomba (2019), Kimberlé Crenshaw (2002) e Lélia Gonzalez (1988) sobre a interseccionalidade de gênero e raça; Edméa Santos (2015) e Manuel Castells (2003), com apontamentos sobre internet e cibercultura; Paulo Freire (2014) e Carlos Rodrigues Brandão (2007) ao discutirem educação transformadora e educações no plural. Concluiu-se que as respostas produzidas pelas mulheres afrodescendentes deste estudo contra opressões históricas têm significados que demonstram e estimulam práticas educativas diferenciadas repletas de acolhimento, fortalecimento e conhecimentos que humanizam.*

### Palavras-Chave

*Instagram; Sexismo; Racismo; Respostas educativas.*

### Abstract

*Brazilian society continues to experience problems of racial and gender discrimination against Afro-descendants. In this context, with the possibilities of interaction and creation of content offered on the internet, it is increasingly evident that some Brazilian women of African descent are producing objective responses to digital racism and sexism. To address this problem, summed up in the concern*

of “How are Afro-descendant women using Instagram, a social network for sharing photos and videos, to develop messages / lessons against racism and sexism?” we sought to identify and discuss how educational possibilities, responses (content) produced on Instagram by women from Brazil of African origin. The social network Instagram was chosen due to its easy access and low consumption of mobile data, where two profiles were analyzed, @pretinhasleitonas and @descobrinhaohistoriapreta. It served as a basis for theoretical guidance, contributions by the following authors, Sueli Carneiro (2005) and Boaventura de Sousa Santos (2006, 2007), when dealing with epistemicide; Grada Kilomba (2019), Kimberlé Crenshaw (2002) and Lélia Gonzalez (1988) on the intersectionality of gender and race; Edméa Santos (2015) and Manuel Castells (2003), with notes on internet and cyberculture; Paulo Freire (1979, 1980, 1997) and Carlos Rodrigues Brandão (2007) when discussing transformative education and plural education. It was concluded that the responses produced by women of African descent in this study against historical oppression have meanings that demonstrate and stimulate different educational practices full of welcoming, strengthening and knowledge that humanize.

## **Keywords**

*Instagram; Sexism; Racism; Educational responses.*

## **Comentários introdutórios**

Este artigo se inscreve como uma reflexão acerca da narrativa que contempla as respostas educativas, com base nas experiências das mulheres brasileiras afrodescendentes que continuam enfrentando problemas com discriminações raciais e de gênero, de maneira conjunta e interligada, isso para não falar de outros fatores que podem intensificar as opressões, como classe social-econômica, sexualidade, idade, religião e outras. Os meandros do racismo e sexismo perpetuam-se principalmente através dos silenciamentos sobre opressões sofridas, a objetivação de nossos corpos e inferiorização dos nossos conhecimentos-competências, produzindo e justificando desigualdades. Diante disso, existe uma emergência de respostas que consigam enfrentar essa realidade desumana e opressiva. Com as possibilidades de interação e criação de conteúdo oferecido pela internet, essas respostas estão sendo cada vez mais elaboradas, e estamos presenciando ondas de protagonismo fortalecido de mulheres de origem africana subsaariana que se lançam em espaços digitais para fazer ecoar suas vozes. Trata-se de respostas de enfrentamento, que também são educativas, e é sobre elas que pretendemos discorrer neste texto.

Partimos dessa escrita pensando em possibilidades educativas, ou seja, em diferentes formas, meios e agentes de fazer-refletir a educação, tratando-a de maneira plural e dinâmica, rompendo com práticas educativas que tentam homogeneizar pensamentos e corpos. Assim, vislumbramos as potencialidades da internet, que cada vez mais proporciona interação, trabalho colaborativo e produção de conteúdo diversificado. É a partir dessas possibilidades educativas em meios digitais que presenciamos de maneira objetiva e ousada, produções de mulheres afrodescendentes, em especial no Instagram, rede social de compartilhamento de textos, fotos e vídeos. Chamamos essa produção de conteúdo de “respostas educativas”, pois o teor de suas mensagens traz ensinamentos-aprendizagens de diversas ordens, principalmente quando enfatizam as experiências vividas e as realidades enfrentadas pelas/os afrodescendentes. Trata-se de respostas contra os silenciamentos, opressões e desigualdades relacionadas às categorias de raça-gênero (e tantas outras semelhantes), uma tentativa de assumir e anunciar, disseminando vozes, historicamente silenciadas. Por este motivo, construímos esse estudo a partir da seguinte indagação: “Como mulheres afrodescendentes têm se utilizado do Instagram para desenvolver mensagens/lições contra racismos e sexismos?”.

Enfatizamos as possibilidades educativas e de aprendizagens continuadas que os

espaços mediados por interfaces digitais podem oferecer, entretanto, neste trabalho, concentramos nas pessoas afrodescendentes, em particular algumas mulheres deste segmento da população brasileira, que de maneira resistente provocam mudanças e rupturas no regime colonialista, racista e machista que assola também, os espaços digitais. Afinal, não podemos esquecer que nesses espaços existem comentários racistas, afirmações machistas, informações falsas e infundadas (*Fake News*, por exemplo) que fomentam práticas de violência e exclusão contra grupos subalternizados, como as/os afrodescendentes. Nesse sentido, buscamos com esse estudo, identificar as respostas (conteúdos) produzidas por mulheres afrodescendentes no Instagram para enfrentar esta situação e assim, discutir as possibilidades educativas deste espaço digital.

Djamila Ribeiro ao discutir as especificidades do “feminismo negro” em relação ao feminismo tido como “universal”, assevera que “Pensar a prática de mulheres negras me fez perceber o quanto isso era importante para restituir humanidades negadas” (2019, p. 19). Evidenciar, enfatizar e disseminar as respostas de mulheres afrodescendentes em relação às desigualdades são tentativas de (re)existir, de romper com os silenciamentos que abafam nossas vozes, uma maneira de reivindicar uma humanidade que nos foi negada, já que não somos tratadas como gente - humana. Por isso, focalizamos neste trabalho nas produções de mulheres afrodescendentes no Instagram como respostas educativas que evidenciam protagonismo, luta, resiliência, conhecimento e novas perspectivas de pensar-sentir-viver-responder-protagonizar à nossa existência no mundo.

Para tanto, foram escolhidos dois perfis de meninas/jovens afrodescendentes baseado em nossas vivências ao navegar o Instagram durante os meses de junho, julho e agosto de 2020, são eles: @pretinhasleitoras e @descobrindeohistoriapreta que abordam assuntos relacionados às opressões vividas em termos de suas experiências e/ou de outras/os afrodescendentes. Conteúdos semelhantes estão sendo produzidos em outros espaços digitais, como no YouTube (Ex: Papo de preta; Lendo Mulheres Negras), Facebook (Ex: Movimento Negro, Instituto da Mulher Negra do Piauí-Ayabás), Blogs (Ex: Portal Geledés; Afrofuturas) porém a escolha do Instagram teve como justificativa o fácil acesso e o pouco consumo de dados móveis, o que facilita sua utilização em locais de difícil acesso à internet, agregando seguidoras/es dos mais variadas/os.

Apontamos com este estudo que algumas meninas/jovens brasileiras afrodescendentes estão produzindo respostas de enfrentamento aos racismos e sexismos através de produções no Instagram nos espaços digitais, tornando-se protagonistas de suas próprias vidas, produzindo formas de resistir e existir. Dizemos que essas respostas são educativas e transformadoras na medida em que desvelam a sociedade brasileira como racista e sexista ao mesmo tempo em que incentiva outras mulheres (e homens) a produzirem outras respostas semelhantes, proporcionando práticas socioeducativas diferenciadas repletas de acolhimento, conhecimento e fortalecimento de sua cidadania.

Vale ressaltar que a escrita desse texto se entrelaça com as experiências das autoras e por isso, o emprego do “nós/nossos” é constante, algo reconhecido criticamente pelo autor afrodescendente deste artigo - que se lança juntamente com nós - mulheres de mesmo pertencimento racial - para tratar desses silenciamentos e resistências, nos remetendo ainda mais ao protagonismo necessário em busca das respostas educativas nesta produção. Como forma de incentivar esse protagonismo e reconhecimento de ser afrodescendente não utilizaremos outros termos para caracterizar esse grupo, como negro, mulato, preto e outros semelhantes, pois acreditamos que o “termo Afrodescendente adquire a sua força como conceito relevante porque nasce de um pensamento que reconhece a humanidade de todos, acredita na origem africana de todos os seres humanos e confia na sua vocação ontológica” (BOAKARI, 2015, p. 22). Para o autor, o uso do termo mantém saudável todos os elementos que engrandecem o ser humano, em todas as partes do universo.

Assim, o presente trabalho está dividido em quatro tópicos, sendo o primeiro esta conversa inicial de comentários introdutórios; no segundo, discorremos sobre as potencialidades dos espaços digitais, focalizando em uma educação plural. Em seguida, discutimos algumas respostas educativas produzidas por meninas/jovens afrodescendentes no Instagram, trazendo os perfis previamente escolhidos. Por último, tecemos a conclusão como (in)conclusão, ou seja, outros comentários para continuarmos pensando sobre este tema tão relevante e complexo.

## 1. Educações no plural: potência dos espaços digitais

Como ponto de partida, entendemos a educação como processo de aprendizagem contínua que envolve inúmeras técnicas, agentes e meios para absorver e utilizar as informações, conteúdos e experiências tratadas. Para enfatizarmos o caráter diversificado e dinâmico da educação, recorremos ao Carlos Rodrigues Brandão (2007) em seu livro *O que é Educação?* onde diz que a mesma é plural e atravessa toda a nossa vida estando presente em todas as culturas. De acordo com este autor, “Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar” (2007, p. 08). Assim, concebemos a educação como dialógica, ampla, diversificada e dinâmica. Com a ajuda da educação formal escolar, acreditamos que trabalhamos com fenômenos educacionais utilizando diversos processos para almejar fins educativos diferentes.

Por este motivo, compreendemos que se torna indispensável o caráter de encontros de consciências nos espaços digitais, visto que a educação não é uma doação ou imposição de ideias, é o trabalho de uma consciência com outra envolvendo algum aprendizado que já se possui e a outra que ainda não tem, favorecendo assim sua libertação ao conhecer a sua própria realidade. Paulo Freire (1979, p. 72), ao discutir a educação libertadora, observa que “A realidade opressiva é experimentada como um processo passível de superação, a educação para a libertação deve desembocar na práxis transformadora”. Sendo assim, a educação é vista como atividade libertadora mais humana e transformadora para que mulheres e homens compreendam que são sujeitas/os das suas próprias histórias.

Cada vez mais, mulheres afrodescendentes, pela história de silenciamentos, parecem entender e trabalhar com esta concepção da realidade brasileira e mostram assim as respostas educativas deste estudo. Dois perfis de mulheres afrodescendentes, de diferentes faixas etárias, que trabalham a conscientização como compreensão-posicionamento crítico das realidades pelas massas. Meninas e jovens que participaram de uma educação individualizada e convencional e chegaram a uma educação coletiva através da rede Instagram, e que por meio do diálogo e da pesquisa indagadora, procuraram conhecer seu público e com suas experiências e conhecimentos, se projetaram como agentes de uma metodologia educativa no mundo digital.

Ao discorrermos sobre os espaços digitais, precisamos contextualizar com o surgimento da internet, como forma de entendermos os meandros de sua constituição e consequentemente suas possibilidades educacionais e desafios. A mesma foi formalizada em 29 de Outubro de 1969, tendo como objetivo facilitar as estratégias de guerra, independente da distância entre as pessoas, durante o período da Guerra Fria entre Estados Unidos e União Soviética (CASTELLS, 2003). Para Getschko (2008) às possibilidades de uso da internet e todas as suas "características" passaram a ser exploradas com as mais diversas intenções, modificando a forma de viver e conviver das pessoas, além de proporcionar significativas mudanças em todas as áreas, inclusive na área educacional. Mesmo com todas essas possibilidades, o acesso à internet está longe de ser para todas/os, sendo um privilégio para

determinadas camadas da população brasileira - notadamente eurodescendente e de classe econômica alta - influenciado por fatores econômicos, raciais e de gênero, sem contar que em alguns casos, leva a desinformação, como exemplo das *Fake News* (notícias falsas e infundadas).

Dados do IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (2019) apontam que enquanto mais de 90% das pessoas nas classes sociais A e B são usuárias da internet, nas classes D e E apenas 42% estão conectadas. A divisão da população brasileira em classes socioeconômicas é uma das mais usadas em estudos de mercado, no marketing e principalmente nas políticas públicas. Ainda de acordo com o IPEA (2019), a escala de classificação de renda familiar considera o salário mínimo (R\$ 998,00 no ano de 2019): Classe D e E (até 1.892,65), Classe C (entre 1.892,65 e 8.159,37) e a Classe A e B (acima de 8.159,37). Existe uma estrutura de reprodução de desigualdades no mundo virtual, uma vez que a internet produz e reproduz hierarquias, exclusões e desigualdades sociais de acordo com a escala de classificação de renda familiar (IPEA, 2019). Observamos que as/os usuárias/os mais frequentes e intensas/os são aquelas/es que têm maior renda e escolaridade, entre outras características socioeconômicas, em contrapartida, o acesso da população de baixa renda, classes D e E, ainda é abaixo do esperado. Assim, a crença de que a internet seja positiva, igualitária e democrática, devido ao acesso gratuito à informação, ignora alguns dos elementos que consideramos essenciais para as/os afrodescendentes, o debate sobre o seu acesso.

Mesmo com desafios assim, consideramos que a internet não é apenas um meio de comunicação, mas uma estrutura estruturante da sociedade. Edméa Santos (2015, p. 135) explica que a produção cultural e fenômenos sociotécnicos ocasionados pela relação entre humanos, rede de computadores e internet caracterizam a cibercultura, que se apresenta pela “[...] emergência da mobilidade ubíqua em conectividade com o ciberespaço e as cidades”, isso quer dizer que não estamos mais presos ao desktop, ou seja, corpos estáticos, sem mobilidade, dependendo de conexões físicas e fixas como aquelas de linha telefônica, estação de rádio ou conexão banda larga. Agora em 2020, com a evolução dos dispositivos móveis, bem como das tecnologias Wi-Fi, Wi-Max, 2G, 3G, 4G, 5G responsáveis de modo geral pelo sinal digital e cobertura mais ampla de internet, conseguimos aproximar o ciberespaço do espaço humano, uma mobilidade ubíqua, quebrando barreiras espaços-temporais.

Se a educação é entendida como processo constitutivo do ser humano, ou seja, o fazer-se pessoa, mulher e homem, em um determinado contexto social, cultural e histórico (VIEIRA PINTO, 2010), podemos dizer que os espaços-tempo digitais proporcionados pela internet são educativos. A interação, produção de conteúdo, colaboração e compartilhamento de ideias na internet só foi possível com a transformação da Web 1.0 para a Web 2.0. Para entender essa transformação precisamos pontuar que até a década de 1990 a internet continuava restrita ao meio acadêmico e às agências governamentais, sendo alterado substancialmente a partir da criação da *World Wide Web* (em português, Rede Mundial de Computadores), e do *browser*, o navegador. A primeira, também conhecida como Web (Rede), trata-se de um conjunto de informações e/ou sistema de documentos em hipermídia, em formato de texto, vídeo, som e outras animações digitais, de maneira combinada e interligada, garantindo uma infinidade de conteúdos. Para ter acesso a esses conteúdos seria necessário um software que pudesse acessar os endereços desses sites, nesse caso, o navegador. Hoje temos vários como, *Google Chrome*, *Safari*, *Mozilla Firefox*, *Internet Explorer*, *Opera*, dentre outros (LINS, 2013).

De acordo com Santos (2015) na Web 1.0, os sites eram grandes repositórios de conteúdos, não possibilitando a interação tampouco a produção de conteúdo por parte das/os usuárias/os, ficando restrito aos especialistas da informática. Por outro lado, a Web 2.0 proporcionou a criação de espaços digitais como as redes e mídias sociais, garantindo participação, uma razoável autonomia e produção de conteúdo entre suas/seus usuárias/os. Pontuamos ainda que essas transformações estão em contínuo processo de tal forma que a luta

hoje volta para o desenvolvimento do 5G (Quinta Geração de internet móvel) com capacidade de conectividade instantânea de alta potência em substituição da quarta geração de internet móvel (4G).

Com a Web 2.0 pessoas consideradas anônimas tornaram-se protagonistas de suas próprias experiências, criando práticas e contextos formativos diferenciados, realizando, muitas vezes, feitos marcantes e/ou desenvolvendo conteúdos autorais, como aponta Edvaldo Couto (2014, p. 47), “Não por acaso as narrativas de si se multiplicam e encontram nas redes sociais digitais espaços importantes para acelerar e multiplicar as diversas possibilidades para cada um construir e dar visibilidade a si mesmo...”. Essas possibilidades têm possibilitado que mulheres afrodescendentes produzam conteúdos nos espaços digitais, mesmo com as dificuldades de acesso a internet relacionada a questões socioeconômicas, fatores raciais e de gênero existentes. Diante disso, indagamos: Como as mulheres afrodescendentes têm utilizado esses espaços - rede e/ou mídia sociais contra as práticas discriminatórias baseadas nos fatores de raça, gênero e ser mulher? São algumas de nossas inquietações que servirão como guia-orientação para o próximo tópico.

## **2. Mulheres Afrodescendentes no Instagram: algumas lições possíveis**

A rede social Instagram é um aplicativo que se caracteriza pelo caráter interativo, sendo dinâmico e rápido, o que poderia justificar a permanência e uso pelas/os suas/seus adeptas/os, por exemplo, sua avaliação na loja virtual Google Play (2020) é alta, possuindo 4,5 estrelas em um total de cinco estrelas, demonstrando o alto nível de aprovação do referido aplicativo com mais de 106 milhões de usuárias/os. A plataforma tem como objetivo aproximar as pessoas daquilo que elas gostam, expressando e compartilhando o que estão fazendo, pensando e experimentando. Para garantir isso, o aplicativo possibilita que a/o usuária/o adicione fotos e vídeos ao seu *story* (história, narrativa) - postagem que desaparece após 24 horas - definidos por André Lemos e Catarina de Sena (2018, p. 08), como compartilhamento de momentos banais do dia a dia, que “se caracterizam por narrativas efêmeras, capturando imagens para o puro entretenimento, ‘feitas para sumir’”.

O Instagram permite a troca de mensagens com os amigos através do *direct* (bate-papo); publicar no *feed* (galeria) fotos e vídeos que se deseja exibir no perfil, entendido por Lemos e De Sena (2018, p. 08) como “uma espécie de reserva temporal, onde guarda-se momentos especiais”. Com o recurso IGTV, ou Televisão do Instagram, é possível postar vídeos mais longos, de até 1h de duração. A função “explorar” possibilita a busca de fotos e vídeos de outras contas; as *lives* são um recurso de transmissão ao vivo, de curta duração e que podem ficar salvas e visualizadas a qualquer tempo no perfil. Além disso, apresenta a possibilidade de descobrir marcas e pequenas empresas. Essas são apenas algumas das possibilidades de criação-produção, disseminação/compartilhamento, do Instagram. É importante lembrar que as atualizações ocorrem continuamente e novos recursos podem ser produzidos.

Nossas experiências, ao utilizarmos a rede social Instagram, estão presentes na construção desta pesquisa, pois já seguíamos páginas produzidas por mulheres e homens afrodescendentes que além de compartilhar suas histórias, também tratavam de questões relacionadas às desigualdades de raça-gênero (e outras categorias). Desta forma, nos foi possível perceber movimentos de empatia e coletividade, possibilitando compartilhamento de experiências e discussões das realidades, de fato, verdadeiras ondas de fortalecimento-apoio mútuo, onde as pessoas trocavam ideias, sentimentos e vivências tanto positivas como negativas. Em um primeiro momento, esse passear no Instagram não se deu de maneira

sistematizada, mas como acadêmicas e consumidoras de conteúdo, observando as postagens, conteúdos e os comentários de outras/os seguidoras/es e também interagindo por meio deste recurso, evidenciamos assim, respostas sólidas, criativas e ousadas contra os silenciamentos e desigualdades ocasionadas pelo racismo e sexismo, se configurando como práticas educativas.

Essas vivências serviram de disparadores para discutirmos respostas (conteúdos) produzidas por mulheres afrodescendentes nesse espaço digital e com isso, buscamos identificar as possibilidades educativas no Instagram. Escolhemos dois perfis produzidos por meninas/jovens afrodescendentes, relacionados às nossas experiências como consumidoras de conteúdo e às possibilidades educativas no Instagram, que ocorrem com o outro, no outro e em nós como pesquisadoras, pois de acordo com Denise Freitas e Cecília Galvão (2007, p. 12), ao discutir o uso de narrativas na pesquisa, menciona que os meios de análise de práticas e vivências, “não é um ato solitário e individual” e sim “[...] antes de tudo um ato responsável”.

O perfil @pretinhasleitoras idealizado pelas irmãs gêmeas Eduarda e Helena Ferreira é voltado para literatura, onde apresentam livros que retratam as questões da afrodescendência, além de comentarem sobre algumas autoras e autores de descendência africana. As meninas descrevem os livros, colocando suas considerações e reflexões, trazendo informações sobre a autoria e também realizam contação de história a partir desses livros. O referido perfil foi escolhido por evidenciar outras narrativas sobre as/os afrodescendentes na literatura, em especial aquela voltada ao público infantil. O mercado editorial e a produção de livros com personagens femininas afrodescendentes foi tema central da dissertação de uma das autoras deste artigo, intitulada *Entre tênis e cadarços - a literatura infantil afrodescendente: o que ensina o mercado editorial brasileiro?* (SOUZA, 2019). Nesta dissertação, buscamos compreender as respostas/medidas de algumas instituições, como as editoras, em relação às ausências e esquecimentos de meninas descendentes de africanas/os na literatura considerada infantil, como forma de superar ou diminuir esses silenciamentos. Sendo assim, consideramos importante analisar um perfil onde duas meninas-irmãs afrodescendentes relatam suas experiências como leitoras numa tentativa de incentivar a leitura e disseminação dessas obras.

Em sequência, o perfil, @descobrindeohistoriapreta, apresenta a realidade histórico-social de afrodescendentes, que por meio de seus valores e motivações pessoais, produz conteúdo de sentido crítico e educativo, assim como Paulo Freire, que em todas as suas “pedagogias” nos apresenta um referencial prático-teórico e de alicerce político-pedagógico que reflete, de forma crítica uma proposta de transformação pela reflexão, no sentido da libertação de todas as mulheres e homens do mundo. O perfil é produzido por uma jovem descendente de africanas/os e foi escolhido por compartilhar a história e a memória negada da referida população no Brasil e no mundo, além de denunciar fatos atuais de opressão e desumanização. Para esta jovem mulher, a memória de um povo e seu registro são muito valiosos, premissa que fundamenta o objeto de pesquisa de uma das autoras, no qual, investiga a Educação como meio de garantir a história e a memória de um Quilombo, através da Rede de Comunicação Intranet (sem o uso da internet). Assim, consideramos importante analisar um perfil onde a história ancestral e a luta cotidiana do povo descendente de africanas/os é contada através dos aspectos da vida cotidiana, das estratégias de sobrevivência e formas de resistência, em uma sociedade marcada pelo racismo que caminha com o machismo.

Os dois perfis, cada um a seu modo, evidenciam o protagonismo de meninas e jovens mulheres de descendência africana, como estratégia de resistência. As categorias de raça e gênero, escolhidas e focalizadas neste estudo, são construções sociais, o que está em jogo é a racialização das relações que interfere substancialmente na categoria gênero, além de dificultar as possibilidades de aspirações sociais e econômicas de indivíduos e coletividades. Octavio Ianni (2004, p. 23), ao refletir sobre os enigmas escondidos na questão racial, define que “a racialização e o racismo são produzidos na dinâmica das relações sociais,

compreendendo as suas implicações políticas, econômicas e culturais” e Lélia Gonzalez (1988), ao discorrer sobre feminismo afrolatinoamericano, diz que o reconhecimento e conscientização das opressões ocorrem, antes de qualquer coisa, pela categoria racial, demonstrando como as questões de gênero podem ser intensificadas com o racismo. Percebemos que essas opressões ocorrem de maneira interligada, continuamente se cruzando e assim, emergindo situações diferenciadas e complexas.

Nessa perspectiva, Kimberlé Crenshaw (2002) explica as interseccionalidades de raça e gênero, e de outras categorias, como ruas que se cruzam mutuamente, esses entrecruzamentos, entendidos como violências e/ou opressões, que podem ser de diversas ordens, gênero, raça, classe, sexualidade, dentre outras, sempre inter-relacionadas. Crenshaw (2002) caracteriza esses entrecruzamentos como “diferenças que fazem diferenças”, ou seja, determinadas categorias, quando atravessadas, geram situações marginalizantes de forma diferenciada e intensificada, como explica Grada Kilomba (2019, p. 99) “o impacto simultâneo da opressão racial e de gênero leva a formas de racismo únicas que constituem experiências de mulheres negras e outras mulheres racializadas”. Com essas opressões interseccionais, o corpo da mulher afrodescendente é negado, suas vozes, experiências, narrativas, produções culturais e de conhecimentos são igualmente silenciados. Trata-se de uma aniquilação e inferiorização em dois sentidos: primeiro da sua humanidade, que é negada, inferiorizada, colocada como imprópria e fora do lugar e segundo, o aniquilamento e silenciamento dos conhecimentos e das diversas produções realizadas pelas mulheres afrodescendentes, como dos povos enganados e subjugados secularmente.

Discorremos sobre o epistemicídio, prática estrutural nociva a nossa humanidade, existência e produção de conhecimento, como explica Sueli Carneiro (2005, p. 97) “[...] não é possível desqualificar as formas de conhecimento dos povos dominados sem desqualificá-los também, individual e coletivamente, como sujeitos cognoscentes”. O epistemicídio torna-se uma ferramenta que aprisiona e destrói, assim, nossa racionalidade e capacidades são a todo o momento questionadas, inferiorizadas, invisibilizadas, desqualificadas e desvalorizadas.

Boaventura de Sousa Santos (2007) ao explicar a consolidação e manutenção do epistemicídio, aponta que o pensamento moderno eurocentrado é abissal, separado por uma linha invisível, mas com consequências objetivas, dividindo o mundo em dois lados, “desse lado da linha” e “do outro lado da linha”. É neste “outro lado”, o nosso lado, atribuído a nós que se concentram as não produções, ou produções consideradas preconceituosamente de menor valor e inferior. São conhecimentos, pensamentos, produções, histórias, experiências, culturas silenciadas e/ou continuamente apagadas pelo grupo intitulado dominante. Este último grupo inserido no social “desse lado da linha” se proclama como o único cujos membros produziram conhecimentos científicos, saberes relevantes contextualizados e verdadeiras filosofias. A construção dos silenciamentos é como um grande tecido, que representa o mundo, sendo costurado ao meio por duas grandes linhas que se entrelaçam uma delas, sendo do racismo e a outra do sexismo, e as duas constantemente sendo cortadas por linhas menores que representam outros fatores discriminatórios.

Apontamos até aqui os percursos e motivações para escolha dos perfis no Instagram, além de discutir os silenciamentos e opressões interseccionais de raça e gênero que afetam mulheres afrodescendentes. Na discussão a seguir, abordaremos as respostas (conteúdos) produzidas no Instagram por meninas/jovens afrodescendentes nesse espaço digital, e as possibilidades educativas em relação às estruturas de silenciamento. Para melhor compreensão dividimos a discussão em duas partes, na primeira trataremos do perfil @pretinhasleituras, em seguida o perfil @descobrindeohistoriapreta.



## 2.1 Meninas afrodescendentes na literatura: o perfil @pretinhasleitoras

Discorrer sobre literatura infantil e meninas afrodescendentes nos faz pensar em identidades, vozes e narrativas negadas, afinal, percebe-se tanto um silenciamento de personagens desse segmento racial como também, representações negativamente estereotipadas e marginalizadas. Somam-se a isso, restrições e barreiras derivadas de estruturas racistas e sexistas que inviabilizam as escritas de mulheres afrodescendentes. No perfil @pretinhasleitoras é possível percebermos incentivos e ampliação da literatura infantil, focalizando nas meninas afrodescendentes de maneira valorativa, assim como, uma escrita engajada, ousada e de resistência de mulheres do mesmo pertencimento racial.

Retomemos a dissertação *Entre tênis e cadarços - a literatura infantil afrodescendente: o que ensina o mercado editorial brasileiro?* (SOUZA, 2019), no qual apresenta esse movimento de ampliação de representações, identidades e conhecimentos relacionados às personagens afrodescendentes na literatura infantil, onde o próprio título do estudo em destaque faz menção a essas mudanças, como explica a autora: “Os sapatinhos de cristais até então utilizados apenas pelas princesas de fenótipo eurodescendente ganham novas formas e contornos, tornando-se tênis com as meninas afrodescendentes. Novos calçados que dizem outras representações de feminilidade...” (SOUZA, 2019, p. 108). Com esta menção, queremos ressaltar as possibilidades encontradas na literatura infantil para que meninas afrodescendentes se sintam merecidamente reconhecidas e aprendam com conhecimentos até então silenciados. Precisamos fortalecer iniciativas/respostas que visem à disseminação e discussão dessa literatura, como o perfil do Instagram @pretinhasleitoras das irmãs gêmeas Eduarda e Helena Ferreira de 11 anos de idade, que contam com a participação da irmã mais nova, Elisa, que juntas relatam suas experiências como leitoras.

Em uma entrevista realizada pelo site Mídia Ninja (2020), as irmãs contam que o estímulo pela leitura veio de sua mãe, que é professora da educação básica e pesquisadora. Comentaram sobre seus sonhos, onde ambas almejam ser professoras, e Helena ainda ressaltou que pretende se especializar em “literatura negra”, como forma de contar a história de seu povo para as crianças. Com isso, percebemos que essas meninas ao narrarem suas experiências de ser-menina-afrodescendente através da leitura se tornam protagonistas de suas próprias vidas alcançando outras meninas que também desejam ser reconhecidas e valorizadas. Nesse movimento de ser e protagonizar, as irmãs produzem respostas em relação aos silenciamentos impostos às meninas e mulheres afrodescendentes brasileiras, em especial, na literatura.

As irmãs idealizadoras do perfil @pretinhasleitoras, oriundas do Morro da Providência, no Centro do Rio de Janeiro, não se sentiam representadas nas histórias infantis, notadamente eurocêntricas, por isso, decidiram criar um canal no YouTube, em 2018. O objetivo do canal era construir e consolidar uma educação antirracista, fazendo com que outras crianças afrodescendentes se reconhecessem através da literatura escrita por mulheres e homens afrodescendentes e/ou que apresentassem personagens do mesmo segmento racial. Ainda em 2018, com o mesmo objetivo, essa iniciativa também adentrou o Instagram, e dois anos depois, já possuem 37,7 mil seguidores e 525 publicações, número considerável de produção no Instagram. Além das redes sociais, as irmãs já realizavam rodas de leitura, com outras crianças, na própria residência localizada no Morro da Providência, contavam histórias de livros com personagens afrodescendentes e também de autoria desse mesmo grupo racial.

Em decorrência da pandemia da COVID-19, doença causada pelo novo Coronavírus (SARS- CoV-2), que se caracteriza tanto por infecções assintomáticas até quadros graves de fácil contágio (BRASIL, s/d), desaconselhando aglomerações das pessoas, as meninas

começaram a realizar *lives* - recurso do Instagram e de outras plataformas digitais que viabilizam transmissões ao vivo - para contar histórias infantis de personagens afrodescendentes e/ou algum livro de temática relacionado a afrodescendência. Na imagem a seguir, trazemos uma publicação anunciando a proposta das irmãs:

Imagem 1 - Publicação do Perfil @pretinhasleitoras divulgando *live*



Fonte: Página do Instagram @pretinhasleitoras. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CBMOmiRJYwC/>. Acesso em: 19 jul. 2020

A primeira *live* de contação de história foi realizada no dia 8 de junho de 2020, às 21h, horário em que as irmãs estão se preparando para dormir, como descreve a legenda da publicação observada na Imagem 1. A ideia parece ter agradado suas/seus seguidoras/es já que na publicação divulgando a primeira *live*, teve em média 368 curtidas, além de comentários parabenizando a proposta e algumas seguidoras/es marcando outras pessoas para tomarem conhecimento das *lives*. A personagem escolhida foi Aqualtune, e como já anuncia no post de divulgação, trata-se de uma “história real de luta”. As *lives* podem ficar salvas no *feed* (galeria) - onde reúne todas as publicações do perfil - com esse recurso conseguimos assistir a primeira *live* de contação de história das irmãs Eduarda e Helena.

Na *live* as meninas enfatizaram que Aqualtune era uma princesa real e não de contos de fadas, oriunda do Reino do Congo, no continente africano. Destacaram a coragem e resistência de Aqualtune que liderou um exército de 10 mil pessoas para lutar contra o exército português e que embora o seu exército não tenha sido vitorioso, lutou bravamente. As irmãs também contaram que a princesa foi escravizada e levada forçosamente para Alagoas, embora, em uma busca rápida no *Wikipédia*, consta que a mesma foi levada para Recife (AQUALTUNE, 2020). Apesar da derrota, Aqualtune continuou lutando, até mesmo quando estava grávida, conseguindo fugir para Palmares, a mesma foi mãe de Ganga Zumba e avó materna de Zumbi dos Palmares (FERREIRA; FERREIRA, 2020). Zumbi não foi qualquer homem, tinha sangue de realeza!

Com esse conteúdo identificamos pelo menos três elementos chaves que poderiam servir de possibilidades para respostas educativas: a necessidade do reconhecimento racial e de gênero; a valorização da resistência de mulheres afrodescendentes e por último, a contextualização da construção social, especialmente pelos homens, das desigualdades de gênero-raça em particular. Este conteúdo serve principalmente para buscarmos outras

referências de narrativas infantis de cunho educativo, com temas relacionados à valorização das identidades, estética, cultura, aceitação corporal, e outras características sociais, como o resgate de outras personagens históricas que foram símbolos de resistência, entre outros. Poderíamos dizer que as *lives* realizadas pelas irmãs estão produzindo ondas de partilha e acolhimento, na medida em que compartilham narrativas, muitas vezes desconhecidas, e quando as mesmas são acolhidas/recebidas pelas suas/seus seguidoras/es. Mais do que estreitar distâncias, provocam teias de afeto, cuidado, resistência, conhecimentos e educação sociocultural, auxiliando assim, no processo de escolarização destas crianças, as novas gerações de brasileiras/os afrodescendentes.

## **2.2 História e Memória da população afrodescendente: perfil @descobrimdoahistoriapreta**

Tratar da história e memória de um povo é uma necessidade que o ser humano tem de buscar e manter referenciais que o auxiliem na construção da identidade coletiva e assim alicerçar as identidades individuais. O perfil @descobrimdoahistoriapreta produzido por Alessandra Eduardo, Educadora e Cientista Social, demonstra em sua educação plural nas redes sociais esse referencial de (RE)conhecimento do protagonismo e liderança da/o afrodescendente tão necessário na construção da identidade de um povo. Suas postagens nos remeteram ao questionamento feito por Emanuel Araújo (2004, p. 247): “O que queremos, ao resgatar negras memórias de nossa história e essas outras tantas memórias de negros que esta exposição nos traz?”, a partir desta provocação, foi escolhida uma postagem específica do perfil @descobrimdoahistoriapreta, como veremos mais adiante.

O perfil com pouco mais de um ano que foi criado, já conta com 116 publicações e 24,7 mil seguidoras/es, até agosto de 2020. Sua primeira publicação no Instagram foi em 11 de janeiro de 2019 em uma postagem de título: *Nós não somos macacos*, onde Alessandra Eduardo (2019) faz um relato sobre uma determinada situação racista e em sua reflexão observa o “quão problemático é a naturalização do racismo, e que muitas vezes, por falta de conhecimento muitas pessoas negras não fazem ideia de onde vêm certas associações, e a história cruel que as sustentam” (EDUARDO, 2019). Com uma linguagem informal, textos carregados de ironia, conhecimento e discussão com autoras/es como: Abdias do Nascimento, Amanda Braga, Neusa Santos Souza, Steve Biko e outros, a “educadora, produtora de conteúdo”, explica diversas questões relacionadas à afrodescendência e questões históricas que interferem diretamente no que ocorre hoje em dia.

Dentre as atuais 116 publicações do perfil, a Série Quilombos realizada entre junho e julho de 2020, composta de sete publicações com histórias de Quilombos e as revoltas das/os escravizadas/os no Brasil, Cuba, Colômbia, Haiti, Jamaica, Peru e Guianas chama a atenção pela riqueza de fatos, interpretação de conteúdo e a comunicação direta com suas/seus seguidoras/es, como no trecho a seguir: “A história deve ser encarada enquanto uma mãe que orienta seu filho ao longo do caminho. Pensando assim, e enxergando os quilombos como forma de resistência e existência africana, como podemos adaptar e trazer para a nossa realidade?” (EDUARDO, 2020a).

No dia 15 de julho de 2020, em sua penúltima publicação da série, ela traz para a discussão, Carlota Lucumi, que ainda criança foi escravizada em Cuba, região invadida por Espanhóis. Carlota, proveniente do Reino do Benin, na África Ocidental, pertencia ao grupo étnico Lucumi, afro-brasileiro, descendente dos iorubas da atual Nigéria. Carlota Lucumi, sequestrada aos dez anos de idade, foi levada para a província de Matanzas e forçada a trabalhar numa plantação de açúcar chamada Triumvirato. Recebendo um tratamento brutal e com condições de trabalho duríssimas, em 1843 Carlota deu início ao seu plano de fuga,

juntamente com outra escravizada, Firmina. Criou códigos nas batidas do tambor como forma de comunicação e enviava mensagens para as/os escravizadas/os das proximidades e assim, coordenou toda a rebelião. Em 3 de novembro de 1843 teve início a Rebelião Triumvirato que tomou conta da região, onde dezenas de propriedades e plantações foram destruídas, inúmeros eurodescendentes escravocratas foram mortos e construções ateadas fogo (EDUARDO, 2020b). A seguir, uma imagem desta publicação, Imagem 2:

Imagem 2 - Publicação do Perfil @descobrindoahistoriapreta - Série Quilombos



Fonte: Página do Instagram @descobrindoahistoriapreta. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/CCrWFu\\_Jt\\_b/](https://www.instagram.com/p/CCrWFu_Jt_b/). Acesso em: 19 jul. 2020

Depois de alguns dias, soldados espanhóis conseguiram reprimir violentamente o movimento e Carlota foi capturada, teve seu corpo amarrado a cavalos e arrastada até a morte. Sua bravura inspirou diversas rebeliões em todo o Caribe. Uma ancestral que nos deixou um grande legado. Em 16 de Julho de 2020, ao fim das sete postagens da Série Quilombo, Alessandra Eduardo (2020b) faz um desabafo: “Eu sinto muito orgulho da história de luta dos nossos ancestrais! No entanto como educadora, produtora de conteúdo, dá para ir percebendo a receptividade do público de acordo com o jeito que a história se desenrola”. Há na resposta às/aos seguidoras/es, uma relação entre conteúdo/comentários que a educação libertadora de Freire (1980) se faz presente, onde toda educação é política e não existe neutralidade, existindo assim, pluralismo de ideias, embora isso não signifique abrir mão de uma opinião, mas sim tê-la e dialogar com outros pontos de vista. Santos (2006, p. 157), propõe aprendermos através de uma ecologia de saberes, entendido como respeito mútuo entre os conhecimentos e “reconhecimento da pluralidade de saberes heterogêneos, da autonomia de cada um deles e da articulação sistêmica, dinâmica e horizontal entre eles”. Estamos aprendendo com conhecimentos historicamente negados, propondo um tratamento epistemológico e dinâmico entre os diversos saberes existentes.

O perfil @descobrindoahistoriapreta nos responde ao questionamento feito no início deste tópico sobre a importância de reconhecer as histórias e memórias de um povo, em especial das mulheres afrodescendentes: essa busca emerge do desejo de resgatar e conhecer nossas heroínas, que por muito tempo ficaram esquecidas e silenciadas, precisamos ter orgulho das mulheres (e homens), que mesmo diante de tanta violência e invisibilidade marcaram seu lugar na nossa história, uma forma de romper com os silenciamentos. “Queremos que os nossos sejam reconhecidos” (ARAÚJO, 2004, p. 247). Alessandra

Eduardo, nos faz (RE)lembrar o passado vivo, nos devolvendo em carne e osso, em sangue e espírito, pessoas reais, oferecendo respostas educativas, que mesmo recheadas de batalhas e consequente derramamento de sangue é também uma forma de enaltecer a história violenta de lutas de cunho nacional e a memória de um povo lutador, perspicaz e resistente-vitorioso. As lutas das/os escravizadas/os foram em todas as partes e em todas as épocas – continuam ainda hoje!

## Concluir para melhor continuar pensando...

Com os dois perfis estudados, encontramos possibilidades educativas oportunizadas pelo Instagram que dizem respeito tanto aos recursos e ferramentas dessa plataforma, como a produção de conteúdos e interação proporcionada pelas meninas/jovens afrodescendentes responsáveis por esses perfis. Assim, pudemos retomar a questão: Como mulheres afrodescendentes têm se utilizado do Instagram, rede social de compartilhamento de fotos e vídeos, para desenvolver mensagens/lições contra racismos e sexismos?

Não obtivemos uma só resposta, pois espaço como do Instagram são utilizados como ondas de fortalecimento, resistência e ampliação de vozes, tentativas de produzir um espaço de fala ativa e escuta sensível – presenças acolhedoras e educativas, apesar dos comentários machistas, racistas, homofóbicos, tão comuns no mundo presencial, também levadas com muita facilidade, para as telas do computador e celular. Mesmo diante das adversidades e opressões, utilizando-se de recursos e linguagens diferenciadas, como texto, imagem e vídeo, os perfis analisados nesta pesquisa, produziram espaços digitais educativos para conhecer, apreender e problematizar, individual e coletivamente, de maneira criativa e resistente, aproveitando o que existe dentro de seu alcance para continuar elaborando respostas e apontando caminhos para romper com essas estruturas, constituídas por desigualdades e falta de oportunidades.

As respostas educativas nesses perfis, @pretinhasleitonas e @descobriandohistoriapreta elevam os poderes da palavra, até na sua configuração escrita, conforme afirma Bâ (2010, p. 173) “[...] a Palavra, não só um poder criador, mas também a dupla função de conservar e destruir”. O poder de fala escrita dessas duas meninas/jovens afrodescendentes criadoras de conteúdo no Instagram, estudadas nesta pesquisa, demonstram a potência de suas vozes que quando ampliadas, alcançam outras mulheres de mesma descendência produzindo resistências, protagonismos e resiliências. Proporcionam que outras mulheres afrodescendentes se sintam reconhecidas nas histórias, experiências e realidades apresentadas, formando teias de acolhimento e ondas de fortalecimento, uma forma de dizer que “não estamos sozinhas, precisamos existir e resistir”.

Como forma de existir-resistir, apresentamos uma lista de possíveis respostas educativas elaboradas a partir dos conteúdos dos perfis estudados:

- a) apresentam as mulheres afrodescendentes como produtoras-administradoras de conhecimentos relevantes a partir e para as realidades racistas-machistas;
- b) colaboram para a representatividade infantil afrodescendente, garantindo meios para o reconhecimento das diversidades e construção positiva das identidades;
- c) demonstram aberturas do saber científico para reconhecer-revalorizar as possibilidades-capacidades de construirmos práticas educativas libertadoras;
- d) desvelam as desigualdades da realidade brasileira, intensificadas pelas categorias de raça-gênero e outras;
- e) evidenciam novas narrativas e perspectivas sobre meninas, jovens e mulheres

- afrodescendentes;
- f) incentivam aprendizagem e reflexão em torno de conhecimentos menosprezados e/ou negados historicamente;
  - g) encorajam outras mulheres a narrar suas próprias experiências;
  - h) oferecem meios para compreender os processos sociais de mudança nas diferentes épocas sociais e as desigualdades de gênero, raça, e de outros múltiplos determinantes sociais;
  - i) valorizam a memória dos povos afrodescendentes ao longo da história.

A partir das nove respostas educativas encontradas nos conteúdos referentes aos dois perfis em análise, percebemos que se trata de respostas sólidas, criativas e ousadas contra os silenciamentos e desigualdades ocasionadas pelo racismo e sexismo. De fato, essas respostas se configuram como práticas educativas, uma vez que se caracterizam como “ação social intencional e transformadora” (FRANCO, 2012; FREIRE, 1979), desvelando a realidade e proporcionando novas formas e percepções de sentir, pensar, conhecer e fazer para então iniciar todo o processo de novo avançando de forma espiral.

É preciso então, que retomemos aos sentidos de memória, consciência crítica e narrativa. Bem como, é preciso reiterar a necessidade de mais respostas educativas como essas e tantas outras, como forma de protagonizar nossas próprias vidas, proporcionar aberturas epistemológicas e desmascarar uma sociedade cuja minoria populacional europeia insiste em dizer que não é racista e machista, e em resposta, estamos dizendo que existimos, resistimos e produzimos. Continuamos presentes, de diversos modos. Que nós, mulheres afrodescendentes, acadêmicas e pesquisadoras, também produzimos nossas respostas educativas, em nosso lugar de fala, falando em nosso nome e por nós.

## Referências

AFROFUTURAS. **O projeto se propõe a ser um provocador social de reflexões sobre narrativas reais e ficcionais de grupos socialmente minorizados**, 2020. Disponível em: <https://afrofuturas.blogspot.com/>. Acesso em: 20 set. 2020.

AQUALTUNE. *In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre*. Wikimedia, 2020. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Aqualtune>. Acesso em: 01 ago. 2020.

ARAÚJO, Emanuel. Negras memórias, o imaginário luso-afro-brasileiro e a herança da escravidão. **Estudos Avançados**, São Paulo, USP, n. 18 (50), p. 242-250, 2004. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9984/11556>. Acesso em: 24 set. 2020.

BÂ, A. Hampaté. A tradição viva. *In: KI-ZERBO, Joseph (org.). História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África*. Brasília: UNESCO, 2010.

BOAKARI, Francis Musa. **Mulheres brasileiras afrodescendentes de sucesso: o discurso do fazer, fazendo diferenças**. *In: BOAKARI, Francis Musa; et al. Educação, Gênero e Afrodescendência: A dinâmica das lutas de mulheres na transformação social*. Curitiba, PR: CRV, 2015. p. 21-45.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação?** São Paulo: Brasiliense, 2007.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Sobre a doença** [s.d.]. Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/index.php/sobre-a-doenca>. Acesso em: 04 jun. 2020.

CARNEIRO. Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. Orientador: Roseli Fischmann. 2005. 339 f. Tese. (Doutorado em Educação) -

- Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: <https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/a-construc3a7c3a3o-do-outro-como-nc3a3o-ser-como-fundamento-do-ser-sueli-carneiro-tese1.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2017.
- CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade; tradução Maria Luiza X de A. Borges, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- COUTO, Edvaldo Souza. Pedagogias das conexões: Compartilhar conhecimentos e construir subjetividades nas redes sociais digitais. *In*: PORTO, Cristiane; SANTOS, Edméa (orgs). **Facebook e Educação**: publicar, curtir, compartilhar. Campina Grande: EDUEPB, 2014, p. 47-65.
- CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2002000100011&lng=pt&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2002000100011&lng=pt&tlng=pt). Acesso em: 10 jan. 2018.
- DE FREITAS, Denise; GALVÃO, Cecília. O uso de narrativas autobiográficas no desenvolvimento profissional de professores. **Ciências & Cognição**, v. 12, 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cc/v12/v12a21.pdf>. Acesso em: 21 de set. 2020.
- EDUARDO, Alessandra. Nós Não Somos Macacos. Descobrindo a História Preta. 11 de janeiro de 2019. **Instagram**: @descobrindoahistoriapreta. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/BsvQeaNhk-\\_/](https://www.instagram.com/p/BsvQeaNhk-_/). Acesso em: 21 jul. 2020.
- EDUARDO, Alessandra. Essa semana é só pedrada!. Descobrindo a História Preta. 15 de julho de 2020a. **Instagram**: @descobrindoahistoriapreta. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/CCrWfu\\_Jt\\_b/](https://www.instagram.com/p/CCrWfu_Jt_b/). Acesso em: 21 jul. 2020.
- EDUARDO, Alessandra. Eu sinto muito orgulho da história de luta dos nossos ancestrais!. 16 de julho de 2020b. **Instagram**: @descobrindoahistoriapreta. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CCs9K2VpkwZ/>. Acesso em: 20 set. 2020.
- FERREIRA, Eduarda; FERREIRA, Helena. Para conhecer, sonhar e se inspirar em uma história real de luta por um mundo melhor. 08 de junho de 2020. **Instagram**: @pretinhasleituras, Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CBMOmiRJYwC/>. Acesso em: 19 jul. 2020.
- FRANCO, Maria Amélia Santoro. Práticas pedagógicas nas múltiplas redes de ensino. *In*: LIBANEO, José Carlos; ALVES, Nilda. (orgs.). **Temas de pedagogia** – diálogos entre didática e currículo. São Paulo: Cortez, 2012, p. 169-188.
- FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Tradução de Moacir Gadotti. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- FREIRE, Paulo. **Conscientização**: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Moraes, 1980.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- GETSCHKO, Demi. Algumas características inatas da internet. *In*: CGI.br (Comitê Gestor da Internet no Brasil). **Pesquisa sobre o uso das tecnologias da informação e da comunicação 2007**. São Paulo, 2008, p. 51-53.
- GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afrolatinoamericano. **Isis Internacional**, Santiago, v. 9, p. 133-141, 1988.
- GOOGLE PLAY. **Instagram**: Aproximando você das pessoas e de tudo que você adora. Setembro de 2020. Disponível em:

<https://play.google.com/store/apps/details?id=com.instagram.android>. Acesso em: 24 set. 2020.

INSTITUTO DA MULHER NEGRA DO PIAUÍ - AYABÁS. **Facebook**, 2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/Instituto-da-Mulher-Negra-do-Piau%C3%AD-114157496997683>. Acesso em: 20 set 2020.

IPEA. **As Tecnologias Digitais e Seus Usos**. Rio de Janeiro: Ipea, abril de 2019. Disponível: [https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=34795&catid=419&Itemid=444](https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=34795&catid=419&Itemid=444). Acesso em: 28 Jun. 2020.

JOVINO, Ione da Silva. Literatura infanto-juvenil com personagens negros no Brasil. *In*: SOUZA, Florentina; LIMA, Maria Nazaré (orgs.). **Literatura Afro-Brasileira**. Centro de Estudos Afro-Orientais, Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006. Disponível em: [http://biblioteca.clacso.edu.ar/Brasil/ceao-ufba/20170829041615/pdf\\_257.pdf](http://biblioteca.clacso.edu.ar/Brasil/ceao-ufba/20170829041615/pdf_257.pdf). Acesso em: 20 abr. 2014.

KILOMBA, Grada. **Memórias de plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LEMOS, André; DE SENA, Catarina. Mais livre publicar: efemeridade da imagem nos modos galeria e stories do Instagram. **Mídia Cotidiano [Internet]**, p. 6-26, 2018. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/ac19/f976c088ee8d0618b99371a808e810fb13ca.pdf>. Acesso em: 18 set. 2020.

LINS, Bernardo Felipe Estellita. A evolução da Internet: uma perspectiva histórica. **Cadernos ASLEGIS**, Brasília, n. 48, p. 11-45, 2013. Disponível em: <https://www.aslegis.org.br/files/cadernos/2013/caderno-48/2-INTRODUCAO.pdf>. Acesso em: 19 jul. 2020.

MÍDIA NINJA. **Pretinhas leitoras: Por que incentivar meninas negras a ler é revolucionário?**. 09 de março de 2020. Disponível em: <https://midianinja.org/news/pretinhas-leitoras-por-que-incentivar-meninas-negras-a-ler-e-revolucionario/>. Acesso em: 20 set 2020.

MOVIMENTO NEGRO. **Facebook**, 2020. Disponível em: [https://www.facebook.com/negromovimento/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/negromovimento/?ref=page_internal). Acesso em: Acesso em: 20 set 2020.

PAPO DE PRETA. **Youtube**, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCvu2MvWjNozGxCdRIY1034Q>. Acesso em: 20 set 2020.

PORTAL GELEDÉS. **Organização da sociedade civil que se posiciona em defesa de mulheres e negros**, 2020. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/>. Acesso em: 20 set 2020.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Gramática do Tempo**. São Paulo: Cortez, 2006.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Novos estudos – CEBRAP**. São Paulo, n. 79, p.71-94, 2007. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-33002007000300004>. Acesso em: 22 jun. 2020.

SANTOS, Edméa. A mobilidade cibercultural: cotidianos na interface educação e comunicação. **Em Aberto**, Brasília, v. 28, n. 94, p. 134-145, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.24109/2176-6673.emaberto.28i94.1675>. Acesso em: 10 fev. 2020.

SOUZA, Emanuella Geovana Magalhães de. **Entre tênis e cadarços – a literatura infantil afrodescendente: o que ensina o mercado editorial brasileiro?** Orientador: Francis Musa



Boakari. 2019. 159 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2019.

VIEIRA PINTO, Álvaro. **Sete lições sobre a educação de adultos**. São Paulo: Cortez, 2010.